

ESTUDOS CAMILIANOS

I

A OBRA DE CAMILO CASTELO BRANCO COMO OBJETO DA CRÍTICA TEXTUAL

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

1. EXPLICAÇÕES PRÉVIAS

Entre os estudos e pesquisas preferenciais em minha trajetória de professor e pesquisador figura a vida e obra do grande escritor português Camilo Castelo Branco, por circunstâncias diversas. Daí resultaram trabalhos merecedores de alguma divulgação, como os da série de artigos que resolvi publicar a partir do presente número da revista *Confluência*, com dados atualizados na medida do possível.

Data de cinquenta anos aproximadamente – dos meus tempos de adolescente – a minha devoção camiliana e o contato com as obras principais do seu legado literário e com ensaios que sobre ele se escreveram. Foi primeiramente na biblioteca de meu pai, Osvaldo Monteiro de Carvalho e Silva, leitor constante de ensaios lingüísticos e de obras literárias, e assinante da *Revista de Cultura*, do Padre Tomás Fontes, onde se publicaram importantes textos de Camilo (como os da polêmica com Carlos de Laet), que pude desde logo manusear os exemplares de uma incompleta mas valiosa camiliana de cerca de 300 livros e folhetos, hoje incorporada à minha própria biblioteca e enriquecida com o que lhe acrescentei por iniciativa pessoal ao longo dos anos.

Meu pai fez parte, desde a adolescência na cidade de Campinas (SP), daquela plêiade de intelectuais, escritores ou simplesmente leitores brasileiros fascinados pela figura de Camilo, a qual convivia e rivalizava – nas décadas finais do século XIX e da primeira metade do século XX – com a dos admiradores, mais requintados, das criações literárias de Eça de Queirós. No Brasil dessa época era realmente muito forte e apaixonado o culto dos dois escritores, e as opiniões se dividiam a respeito da importância de cada um deles. Observando a reação dos camilianistas, podia-se notar que neles não havia apenas o

fascínio em relação ao ficcionista que tão bem retratou ambientes, usos e costumes da sua terra, numa singular técnica descritiva e narrativa, mas também a admiração à riqueza e expressividade da linguagem e ao uso de opulento vocabulário em que se combinam artisticamente termos e expressões da língua clássica e do uso regional e popular. Havia mais a admiração à profusão e propriedade das alusões e citações de autores e textos, dos modernos aos mais antigos, prodigiosamente conservados na memória para aproveitamento em momento oportuno. Tudo isto fez de Camilo um dos escritores mais minuciosamente lidos e estudados no Brasil, uma das leituras prediletas de homens ilustres ou leitores comuns, de brasileiros e de portugueses radicados em nosso país. É o que explica o fato de haver no Brasil coleções camilianas das mais completas, como por exemplo – para citar apenas três delas – as que pertenceram ao médico e bibliófilo João Marinho, ao conhecido jornalista e homem público Assis Chateaubriand, e ao comerciante e bibliófilo português Francisco Garcia Saraiva – esta última, com livros, opúsculos, documentos e peças únicas entre as quais sobressai o manuscrito autógrafa do *Amor de Perdição*, deixados em testamento no ano de 1943 para integrarem o acervo do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Camilo sempre esteve presente em minhas atividades docentes, pois sou de um tempo ainda não muito distante em que no nosso curso secundário o ensino de língua portuguesa se fazia com apoio de antologias de textos dos principais autores portugueses e brasileiros. Os meus alunos de então, de 1945 a 1970, leram textos selecionados desses autores e pelo menos umas tantas obras fundamentais na íntegra. Durante um ano, no chamado segundo ciclo do referido curso, por exigência dos programas em vigor, tiveram noções de teoria e de história das literaturas portuguesa e brasileira. Fazendo-os ler e observar a técnica narrativa e a linguagem do *Amor de Perdição*, tive em mira favorecer a compreensão das características marcantes do século XIX e do movimento romântico.¹

Em 1981, por voltas que o mundo dá, ensejando-nos às vezes a realização de um sonho, recebi honroso convite formulado pelo Presidente do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, Comendador Antônio Rodrigues

¹ Hoje, a situação é bem outra: na radical mudança que sofreu a escola secundária brasileira, já não há lugar para a leitura dos autores portugueses, antigos ou modernos, a não ser por exceção. Mesmo no ensino superior de Letras, as preocupações dominantes com teorias lingüísticas e literárias e a acentuada preferência pelos autores mais recentes afastaram por completo ou reduziram ao mínimo a leitura de obras de períodos mais distantes, consideradas de interesse menor. Convém esclarecer que este é o quadro geral observado, mas é evidente que persiste em não poucos leitores o interesse pela leitura das grandes obras do passado.

Tavares, para organizar uma edição do manuscrito autógrafo do *Amor de Perdição*, que como peça de extraordinário valor, guardada em cofre, a que só uns poucos privilegiados tinham acesso, precisava ficar mais ao alcance dos pesquisadores. A escolha recaía em mim por sugestão do Professor Jacinto do Prado Coelho, que sabia dos meus trabalhos no campo da Crítica Textual, entre eles as edições críticas de José de Alencar e Machado de Assis publicadas pela editora Melhoramentos de São Paulo.²

Com plena liberdade, formulei o plano de uma publicação que reproduziria o fac-símile desse manuscrito autógrafo em confronto com o texto de base da edição crítica a ser elaborada. A esse conjunto se acrescentou na fase da composição tipográfica um magnífico estudo prévio histórico-literário encomendado ao Professor Aníbal Pinto de Castro, Catedrático de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. O volume, editado em 1983 nas oficinas de Lello & Irmão, na cidade do Porto, como fruto de feliz colaboração luso-brasileira, apresenta como texto crítico o da quinta edição do romance, de 1879, acompanhado em notas de pé de página do registro das variantes encontradas nos quatro textos anteriores (o manuscrito de 1861 e as edições impressas de 1862, 1864, 1869).³

Poucos anos depois, outro convite especial me fez participante, nos dias 24 a 29 de junho de 1991, do Congresso Internacional de Estudos Camilianos, na Universidade de Coimbra, organizado sob os auspícios da Comissão Nacional encarregada de dirigir as comemorações do centenário da morte de Camilo Castelo Branco.⁴ Tendo embora a consciência de não ser um camilianista na extensão da palavra, por não estar na relação dos que mais se têm dedicado ao estudo da vida e obra do escritor, e de ser limitado o meu conhecimento de temas tão variados a ela referentes, senti-me todavia à vontade para aceitar o convite, por haver, na verdade, como procurei explicar, razões de sobra para não perder o ensejo de conagração que nos uniu em torno da figura do

² Crítica Textual é matéria básica do currículo do curso de graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, de que fui Professor Titular até a minha aposentadoria no serviço público em 1989. Nas aulas práticas, preparei com a colaboração de alunos do Instituto de Letras da UFF as mencionadas edições críticas e numerosas outras, como a do *Amor de Perdição*.

³ V. *Amor de Perdição (Memórias Duma Família)*. Reprodução fac-similada do manuscrito, em confronto com a edição crítica, segundo plano organizado e executado sob a direção de Maximiano de Carvalho e Silva. Estudo prévio histórico-literário de Aníbal Pinto de Castro. Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura; Porto, Lello & Irmão. 1983. LXXX + 646 p.

⁴ Tem-se uma imagem do que foi o referido Congresso pela leitura do que está publicado nas *Actas*, editadas em Coimbra no ano de 1994, num alentado volume de 851 páginas.

homenageado. A aceitação do convite ficou facilitada pelo fato de ter recebido do Presidente da Comissão Diretora, Professor Aníbal Pinto de Castro, a sugestão de tratar do que considero um dos principais temas a serem debatidos: a obra camiliana como objeto formal da Crítica Textual.

Em 1993, Aníbal Pinto de Castro, designado pelo Ministério da Cultura de Portugal para elaborar e levar avante um plano de publicação de toda a obra camiliana em edições críticas, houve por bem incluir o meu nome como integrante da equipe que desejava constituir para trabalhar sob a sua coordenação. Com sincero pesar, depois de alguma hesitação, tive de declinar do convite pelas razões expostas em duas cartas, inclusive por não ver como, à distância, poderia dar colaboração nova ao projeto e à execução do mesmo, sem contato direto e amiudado com os outros integrantes da equipe. Minha edição do *Amor de Perdição* fora apontada no convite como modelo do empreendimento editorial: todavia, esclareci que, se tivesse de refazê-la com mais vagar, eu próprio não adotaria, por exemplo, o mesmo tipo de registro das variantes, sempre em busca de um meio de tornar tal registro verdadeiramente útil ao pesquisador.

Passados mais alguns anos, já em 2001, estando em pauta o ressurgimento da antiga editora Antônio Maria Pereira e da sua coleção de obras de Camilo, recebia eu o convite para preparar uma edição do *Amor de Perdição* com a reprodução apenas do texto definitivo da quinta edição, precedido de introdução crítico-filológica com explicações sobre o critério adotado na sua elaboração. Acolhi a incumbência, porque não era um trabalho de equipe, mas individual, e cheguei a corresponder-me para ter os esclarecimentos necessários com Aníbal Pinto de Castro, que me pôs em contato com a senhora Antônia Maria Pereira, proprietária da editora. Diante dos nossos entendimentos, dei-me ao trabalho de escrever a introdução e de reproduzir o texto crítico para a nova impressão. Porém, estranhamente, esses entendimentos se interromperam, não tive respostas de minhas últimas cartas, e não sei o que foi resolvido pela editora.

Apesar dos tropeços e decepções em meu caminho, devo dizer que não esmoreceu em mim o desejo de completar estudos camilianos em andamento, para reuni-los num volume. O presente artigo é o primeiro de uma pequena coletânea de ensaios destinados à boa divulgação de tais estudos, com a finalidade de dar notícias e informações, a meu ver aproveitáveis, a outros estudiosos da matéria. A ele se seguirão os que tratarão dos seguintes assuntos: notas para a feitura de uma bibliografia crítica camiliana; observações sobre edições críticas dos textos de Camilo; o complexo problema do registro das variantes; as principais fontes para o estudo da vida e obra do escritor.

2. CAMILO E A CRÍTICA TEXTUAL ⁵

2.1. Um interesse renovado

No item 1 do Temário proposto para o Congresso Internacional de Estudos Camilianos, sintetizou-se o que de mais importante poderia resultar do mesmo: a indicação de “caminhos de renovação” desses estudos, tendo em vista o inquestionável interesse atual de continuar e ampliar as investigações encetadas, pois não se pode deixar de reconhecer que o escritor estará sempre presente na cogitação de leitores do mundo da lusofonia e por isso o seu legado literário merece constante atenção.

Entre os principais problemas para a retomada dos estudos com a indispensável aplicação de métodos de investigação renovados, sobressaem os de natureza filológica (“problemas de crítica textual”, segundo o enunciado do item 3.1 do temário do Congresso). Quanto a isto, quero reafirmar as lições que colhi na fecunda experiência com a edição do *Amor de Perdição*, resumidas nas seguintes conclusões:

para a bem sucedida preparação das edições críticas são indispensáveis as investigações preliminares de caráter histórico-cultural e biobibliográfico, situando cada obra no contexto próprio em que foi elaborada e levando à melhor compreensão do pensamento e dos propósitos de cada autor;

a existência de manuscrito autógrafo favorece largamente o labor filológico, pelos dados que fornece para comprovar o uso de formas lexicais e de construções sintáticas e a ocorrência de imperfeições e de outras características textuais que, por causarem estranheza ou dúvida, poderiam ser indevidamente atribuídas a intervenções alheias, como as de tipógrafos e revisores;

o registro das variantes, de inegável significação para os estudos de crítica genética e dos processos de criação literária, deve obedecer a normas que favoreçam a consulta dos pesquisadores, entre as quais a de figurar em notas de pé de página sempre que possível e a de se apresentar de forma que não obrigue o interessado na leitura ao penoso esforço de decifrar os enigmas de uma transcrição sobrecarregada de dados e sinais de difícil entendimento;

assim sendo, é sumamente imprescindível a constituição de grupos de pesquisa para realizar em menos tempo e com mais segurança trabalhos que

⁵ Esta segunda parte do artigo inclui o texto da comunicação lida parcialmente no dia 26 de junho de 1991 numa sessão do Congresso Internacional de Estudos Camilianos. Contém na essência, mas na íntegra, o que escrevi então, com adaptações (supressões e acréscimos), e a correção dos erros tipográficos do texto publicado nas *Actas*.

envolvam minuciosos confrontos de textos e variados tipos de investigações paralelas;

os alunos dos cursos superiores de Letras não podem ficar à margem de tais empreendimentos, tão numerosas e amplas são as tarefas por realizar e tais os benefícios que lhes advém desse contato direto tão minuciosos com os textos literários.

Partindo desta linha de considerações, aponto duas tarefas imediatas de grande relevância e urgência: o levantamento exaustivo da bibliografia camiliana, ativa e passiva, e o reexame dos estudos e depoimentos sobre a vida e obra do escritor.

Já no ano de 1959 – há cerca de 45 anos, portanto – por curiosa coincidência, dois ilustres escritores, um português e um brasileiro, como que representando o que há de melhor no culto camiliano dos dois países, expuseram a idéia da publicação dos escritos de Camilo em edições fidedignas, de realização urgente e absolutamente necessária. Assim, observou o escritor português João da Silva Correia:

É pena que os livros de Camilo andem dispersos por vários editores e nem sempre venham a lume em edições bem revistas. Impõe-se a sua junção em uma só empresa para edição limpa e definitiva. / Impõe-se a edição crítica das obras de Camilo.⁶

O filólogo e lingüista brasileiro Antônio Houaiss, chamado a escrever um “Estudo Introdutivo” para alguns romances de Camilo, de uma coleção lançada no Rio de Janeiro pela Editora Tecnoprint (Edições de Ouro), ressaltou por sua vez, com a percepção habitual, em texto também datado de 1959, numa hora em que diminuía em número os leitores do romancista:

.... não é improvável que Camilo se agigante de novo, consolidando-se em nós o conceito de sua genialidade, como usuário da língua e da criação romanesca, ou novelesca, como se quiser

E, como figura principal da Comissão Machado de Assis, ainda em plena atividade, criada que fora pelo governo brasileiro para cuidar da publicação das obras do nosso romancista em edições críticas e segundo critérios uniformes, advertiu e antecipou Antônio Houaiss, com clarividência:

.... os estudos da linguagem camiliana são ainda por ora esparsos, assistemáticos e fragmentários em sua amostragem. Isso deve ser em grande parte por faltar o elemento de base, um cânon textual da obra – aspiração que principia a tomar corpo em Portugal e que dará

⁶ Cf. *Uma Sombra Picada de Bexigas*, Porto, Editorial Inova, 1973, p. 37 [reprodução do artigo “Obras Completas de Camilo”, datado de julho de 1959].

a Camilo o que deverá dar a Machado de Assis a Comissão que traz, no Brasil, o nome deste. Mas o grau de dificuldade do trabalho ecdótico para com a camiliana é incomparavelmente maior, pelo aspecto quantitativo, que em Camilo é multiplicado.

E concluiu, como se quisesse antecipar o que parece só ocorrer de algum tempo para cá:

Aproxima-se o momento em que Camilo voltará à tona como o merece, na literatura de expressão portuguesa.⁷

Por conseguinte, depois de duas iniciativas governamentais pioneiras, distanciadas no tempo mas movidas por idêntico propósito de defender o patrimônio literário – a Comissão Machado de Assis, no Brasil, e o Grupo de Trabalho Para o Estudo do Espólio e Edição da Obra Completa de Fernando Pessoa, em Portugal – é confortador saber que uma equipe de pesquisadores se constituiu para dar a devida atenção, há tanto tempo esperada, ao legado literário camiliano, como a mais efetiva homenagem ao polígrafo e um dos mais fecundos escritores da língua portuguesa.

2.2. Trabalhos já realizados

No planejamento do que deve ser feito com o intuito de assegurar a renovação dos estudos camilianos, imagino que estejam em cogitação quatro tipos de publicações: 1) para os especialistas, a obra completa em edições críticas e comentadas; 2) para o grande público, a obra selecionada, apresentada em volumes avulsos, cada um deles com o texto definitivo rigorosamente estabelecido e acompanhado de notas explicativas para ensejar leitura mais proveitosa; 3) a obra selecionada em volumes compactos, com a transcrição de textos integrais, representativos dos diferentes gêneros cultivados pelo autor (romances, novelas, contos, memórias, história, ensaios, cartas, teatro, polêmicas, etc.); 4) antologias para uso escolar.

Como já existem todos esses tipos de publicações, organizados todavia à luz de critérios pessoais bastante diversos e em vários casos hoje inaceitáveis, cumpre em primeiro lugar analisar tais trabalhos pioneiros, onde se podem colher tantos resultados apreciáveis e definitivos para o novo empreendimento editorial.

Lembrem-se, por exemplo, como de referência e consulta obrigatória:

a) Os cinco volumes publicados da coleção de cerca de trinta volumes planejada pelo editor Simões dos Reis, do Rio de Janeiro, com o texto das

⁷ Cf. *Estudos Vários Sobre Palavras, Livros, Autores*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979 [capítulo “Sobre Camilo Castelo Branco”, datado de 1959, p. 189-199].

melhores edições em vida do autor e prefácio e notas de filólogos brasileiros: 1953 – *A Queda dum Anjo*, preparado por Pedro A. Pinto; 1954 – *O Visconde de Oguela*, por Artur de Almeida Torres, e *Doze Casamentos Felizes*, por Silveira Bueno; 1955 – *O Bem e o Mal*, com um alentado vocabulário, por Mário Casassanta, e *Anos de Prosa*, por Júlio Nogueira.

b) A edição da *Obra Seleta* de Camilo, em dois volumes compactos, pela editora José Aguilar, do Rio de Janeiro, no ano de 1960, organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho (volume I, com uma “Introdução Geral”, o estudo “Raízes e Sentido da Obra Camiliana” e textos de autobiografia e memórias, verso, novelas e contos; volume II, com textos de novelas e contos, teatro, polêmica, história, educação e crítica). [Dos romances e novelas, são transcritos na íntegra: *O Romance dum Homem Rico*, *Amor de Perdição*, *Coração*, *Cabeça e Estômago*, *Vinte Horas de Liteira*, *Amor de Salvação*, *A Queda dum Anjo*, *O Santo da Montanha*, *A Doida do Candal* – no primeiro volume e *A Mulher Fatal*, *Livros de Consolação*, *Novelas do Minho*, *Eusébio Macário*, *A Corja* e *A Brasileira de Prazins* – no segundo volume.]

Jacinto do Prado Coelho assim justificou essa edição:

A edição antológica é hoje o melhor meio de revalorizar Camilo, dando a conhecer o que na sua obra permanece atual. O leitor médio desorienta-se na selva imensa das novelas camilianas, cujos desníveis de qualidade podem repelir o interesse, provocando juízos precipitados. Nesta edição em dois volumes procura-se dar uma visão de conjunto da personalidade e escritos de Camilo⁸

c) As poucas edições críticas até agora publicadas ou preparadas, todas elas feitas com a utilização dos manuscritos autógrafos respectivos: 1) a das *Novelas do Minho*, organizada por Maria Helena Mira Mateus (Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961); 2) as de *O Demônio do Ouro*, por Manuel Nóia, e do *Romance dum Homem Rico*, por Abílio Tavares Cardoso, apresentadas como dissertações de Licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1968 e 1973, respectivamente, ambas mimeografadas⁹; 3) e a minha já citada do *Amor de Perdição (Memórias Duma Família)*, datada de 1983.

⁸ Cf. “Nota Editorial”, vol. I, p. 7.

⁹ Jacinto do Prado Coelho se referiu a esses textos em tiragem mimeografada na sua excelente comunicação intitulada “Filologia e literatura: o estudo das variantes”, apresentada ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, em Niterói (novembro de 1973), com a qual mostrou um outro caminho para a compreensão da arte literária, como acentuou por ocasião dos debates o Professor Hermâni Cidade. Terminado o Congresso, Prado Coelho teve a gentileza de me dar de presente o seu exemplar do *Romance de um Homem Rico* por Abílio Tavares Cardoso, que guardo com carinho em minha biblioteca.

d) A nova edição das obras de Camilo, chamada “edição vulgar”, confiada à direção de Jacinto do Prado Coelho, que ficou incompleta, mas ainda assim ofereceu ao público 62 volumes, com textos estabelecidos e notas de especialistas, editados de 1965 a 1979 em Lisboa pela Parceria Antônio Maria Pereira, segundo o plano da sua tradicional coleção de 80 itens (a dos volumes de capa vermelha que tanto ajudaram a manter o culto camiliano, no final do século passado até a primeira metade do século XX).

e) As edições cuidadosamente organizadas, prefaciadas e anotadas pelo benemérito camilianista Alexandre Cabral, de saudosa memória¹⁰: 1) os dois tomos de *Páginas Quase Esquecidas* de Camilo, lançadas no Porto pela Editorial Inova, em 1972 e 1973; 2) os nove volumes das *Polêmicas de Camilo* com os textos integrais de parte a parte, lançados em Lisboa por Livros Horizonte, nos anos de 1981 e 1982; 3) os seis volumes da *Correspondência* do escritor, lançados em Lisboa pela mesma editora, entre 1984 e 1985.

f) Como empreendimento mais recente, a edição das *Obras Completas* de Camilo, sob a direção de Justino Mendes de Almeida, com estudos biobibliográficos, fixação dos textos e anotações, de que já saíram ao que eu saiba 17 volumes (9 de romances e novelas, 1 de teatro, 1 de poesias e pequenas narrativas, 1 de crônicas, 1 de artigos, biografias e miscelâneas, 1 de miscelâneas-II, 1 de miscelâneas-III, 1 de miscelâneas -IV, história e crítica, e 1 de polêmica e correspondência-I), entre os anos de 1982 e 1994).

Não há como deixar de reconhecer e proclamar, por dever de justiça, a extraordinária devoção aos estudos literários e à figura de Camilo Castelo Branco que foi o incentivo maior ao esforço de organizar e divulgar todos estes tipos de edições da sua obra.¹¹ Contudo, como se procurou frisar em 1991 durante a realização do Congresso Internacional de Estudos Camilianos, sendo imperiosa “uma abertura de caminhos a percorrer” em termos de investigação e ensino, “sob o signo das modernas metodologias de análise da obra literária”, temos de analisá-las com espírito crítico aguçado, para colher exemplos mais expressivos que favoreçam o que há de ser feito agora.

Da minha parte, apoiado em firmes convicções e em múltiplas experiências próprias e alheias, devo insistir na idéia de que o avanço de tais estudos e pesquisas está condicionado ao progresso das investigações no campo ainda não devidamente valorizado da Crítica Textual. Não sou eu, simplesmente, que o digo: é esta a posição assumida, por exemplo, por um grande Mestre

¹⁰ De grande utilidade para os que querem avançar nos estudos camilianos é o *Dicionário de Camilo Castelo Branco* de Alexandre Cabral (Lisboa, Editorial Caminho, 1988, 673 p.).

¹¹ Em outro artigo, farei uma descrição e apreciação mais minuciosa destas edições já publicadas.

cujo nome pronuncio sempre com a maior reverência – Jacinto do Prado Coelho, ao mesmo tempo grande conhecedor da cultura e da literatura portuguesa, da vida e obra de Camilo, e praticante da Crítica Textual, como exemplificou com a sua edição dos textos camilianos, com a das *Obras Completas de Teixeira de Pascoais* em vários volumes, a da *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens* de Matias Aires e outras mais.¹²

É sabido que compete à Crítica Textual a averiguação da autenticidade e da fidedignidade dos textos, tendo em vista o ponto culminante das suas atividades: a publicação das chamadas edições críticas ou crítico-genéticas. Hoje em dia, já há no Brasil vários pesquisadores que se interessam por tal tipo de trabalho, mas o que publicam com o nome de edição crítica nem sempre corresponde ao que caracteriza essa edição e a diferencia nitidamente das demais. Numa verdadeira edição crítica, como sabem os entendidos, há três partes essenciais: 1) uma introdução filológico-literária, com o histórico do trabalho e todos os elementos informativos sobre a sua elaboração; 2) o texto crítico da obra em foco, supostamente a reprodução fiel do denominado texto de base, ou seja, aquele que se tem como o mais próximo do original entre as cópias que dele restaram ou aquele de autor identificado que melhor representa a derradeira ou a mais lúcida vontade autoral, segundo as conclusões dos minuciosos estudos prévios do editor; 3) e o que é mais comum chamar *registro filológico* ou *aparato crítico*, com notas e comentários sobre a obra, e obrigatoriamente, no caso de dela existir mais de uma versão ou apresentação, ainda que inacabada, mas da responsabilidade do autor, o registro exaustivo de todas as variantes encontradas.

Como não podemos ficar esperando indefinidamente pela realização de todas as edições críticas da obra camiliana, de feitaura tão demorada por sua complexidade, há uma etapa intermediária que pode ser adotada como solução imediata para a circulação de edições de textos fidedignos: a da edição que reproduza apenas o melhor texto, com um aparato crítico reduzido que dispensa o registro das variantes, como já havia planejado Jacinto do Prado Coelho na coleção que dirigiu para a Parceria A. M. Pereira. Enquanto isso, filólogos mais experimentados, com a ajuda de colaboradores, entre os quais poderiam estar os alunos dos cursos superiores de Letras, devem prosseguir no trabalho da elaboração das edições críticas de obras que se apresentam em mais de uma versão.

O professor José Gonçalo Herculano de Carvalho, na tripla condição de conhecedor da história da cultura e da literatura portuguesa, de autoridade em

¹² Obra de leitura indispensável à visão global da obra de ficção de Camilo é a *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, de Jacinto do Prado Coelho, em dois volumes (2ª. edição, refundida e aumentada, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982-1983).

assuntos de lingüística geral e de lingüística portuguesa e de autor de valiosas contribuições à Crítica Textual, teve ocasião de dizer, num artigo publicado pela primeira vez em 1968 e reeditado em 1973, o que se impunha sem demora:

... uma chamada de atenção para a necessidade inadiável de se retomar finalmente, *em bases verdadeiramente científicas e atualizadas*, a tarefa inacabada da *edição crítica* e do *comentário filológico* dos textos literários dos nossos escritores – tarefa preliminar indispensável para todo o estudo de crítica valorativa e de análise estilística, de cada obra e de cada autor¹³ [grifos do original]

Em 1973, num curso que ministrou na Universidade Federal Fluminense sobre problemas textuais na obra de Bocage, da qual preparara uma edição como colaborador de Hernâni Cidade, deu o depoimento do que colhera nessa experiência:

... só o trabalho filológico, pela colação das várias edições da mesma obra e o cotejo das variantes, permite compreender aspectos essenciais da personalidade criadora de um poeta, retificando a imagem que outras fontes de informação nos apresentam mutilada e, de certo modo, deformada: o Manuel Maria repentista, improvisador brilhante e, por vezes, demasiado fácil, aparece-nos aqui como artista insatisfeito, que corrige e volta a corrigir os textos dos seus poemas, quando não os refaz por completo¹⁴

Por tudo isto, tomando conhecimento de que no curso de graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense se acrescentara o estudo sistemático das noções básicas de crítica textual aos de teoria da linguagem e de teoria da literatura, quis deixar bem claro que considerava “desejável e altamente conveniente” que nos currículos universitários “quer de língua quer de literatura” fossem incluídos os “cursos de índole filológica”¹⁵.

Por sua vez, o lingüista e crítico textual Ivo Castro, presidente da comissão encarregada de cuidar do espólio de Fernando Pessoa, numa conferência proferida a 2 de agosto de 1990 no Rio de Janeiro sobre “Camilo: Questões de

¹³ Cf. *Crítica Filológica e Compreensão Poética*, 2ª edição, revista, com uma nota prévia de Maximiano de Carvalho e Silva, Rio de Janeiro, MEC - Departamento de Assuntos Culturais, 1973, p. 11.

¹⁴ Cf. “Aula inaugural dos cursos do Professor Herculano de Carvalho sobre ‘Gramática Gerativa-Transformacional’ e ‘Os Problemas Textuais da Obra de Bocage’ ” in *Sessão Inaugural do Programa Especial UFF-FCRB*, Niterói, UFF-Imprensa Universitária, 1973.

¹⁵ Cf. Herculano, *Sessão Inaugural* cit., p. 39. [Observe-se que o lingüista usa a palavra *filologia* como equivalente a *crítica textual*, como explica no primeiro volume do livro *Teoria da Linguagem*.]

Gênese”, se estendeu em lúcidas considerações e análises para falar das razões de não ter tido até então o grande escritor as honras de uma comissão encarregada de organizar e publicar a sua obra completa em edições críticas e comentadas. Não deixou de tratar da falsa idéia, por parte de tantos estudiosos, salvo não muitas exceções, de que Camilo, dotado de extraordinário domínio da língua, escrevia “depressa e sem emendas, pelo que o que lhe saía da pena fácil e repetidamente se convertia em texto impresso, cuja republicação se pode fazer com cuidados mínimos”. Mostrou então Ivo Castro, com apoio no registro filológico de duas edições críticas já citadas na presente comunicação, a das *Novelas do Minho* por Maria Helena Mira Mateus e a do *Amor de Perdição* de minha autoria, um escritor torturado pelas preocupações artísticas, gramaticais e estilísticas, procurando angustiadamente aprimorar os seus textos de uma versão para outra, como atesta o confronto das variantes.¹⁶

2.3. Os exemplos da edição do *Amor de Perdição*

É fácil verificar que até mesmo pesquisadores e professores de nível superior encaram o labor filológico com grande descaso, e se opõem por isso à inclusão da Crítica Textual entre as matérias básicas do curso de Letras. Esse espantoso desconhecimento da real importância das edições críticas ou pelo menos das edições fidedignas obriga-nos aqui a repetir alguns dados principais da introdução crítico-filológica da minha edição do *Amor de Perdição* – a qual, diga-se de passagem, não tem sido sequer mencionada em artigos recentes que tratam da matéria, embora recebida com louvores por camilianistas e filólogos do porte de Jacinto do Prado Coelho, Alexandre Cabral, Manuel Simões, Ivo Castro e alguns mais, e embora se apresente com uma introdução histórico-literária de Aníbal Pinto de Castro, contendo observações e análises de um profundo conhecedor da obra do escritor, hoje indispensáveis à boa leitura e compreensão do significado do romance.

São seis as versões do livro em vida do autor, todas da sua responsabilidade, e a partir do manuscrito autógrafo de 1861, com muitas modificações de uma para a outra, de pontuação, de formas lexicais e de construções sintáticas. Do manuscrito para a primeira edição (1862) foram registradas 749 ocorrências de substituição de uma forma lexical por outra, de substituição de uma palavra por outra, de supressão ou acréscimo de palavra, de modificação da

¹⁶ Numa das mais notáveis conferências do Congresso Internacional de Estudos Camilianos – “Camilo: gênese e edição” (*Actas*, p. 75-88) – Ivo Castro, após considerações teóricas, acrescentou à sua comunicação anterior outros magníficos exemplos de como os estudiosos de língua e literatura podem valer-se dos registros de variantes (no caso, o das edições críticas já citadas das *Novelas do Minho* e do *Amor de Perdição*) como fonte preciosa de comentários filológicos de natureza diversa.

construção frasal – no total de 186, e de alterações de pontuação e de paragrafação – no total de 563; da primeira para a segunda edição (1864) – 159 ocorrências (92 + 67); da segunda para a terceira (1869) – 70 ocorrências (32 + 38); da terceira para a quarta (1876) – 104 ocorrências (50 + 54); e finalmente da quarta para a quinta, o texto definitivo (1879) – 373 ocorrências (156 + 215). Principalmente a análise das variantes da primeira e da quinta edição nos faz perceber o autor inconformado com o texto que produziu, sentindo portanto o drama da expressão como os artistas da palavra. Mas é a comparação do manuscrito com a primeira edição que mais contribuições oferece à Crítica Textual e a estudos afins, como os de Paleografia.

A existência de um texto impresso e revisto da obra – bem próximo no tempo do texto do autógrafa que foi levado à tipografia para a primeira fase da composição – permite-nos relacionar um bom número de desdobramentos das abreviaturas camilianas, o que é valioso subsídio aos que, propondo-se a publicar manuscritos inéditos, como os da correspondência, encontrem embaraços para resolver problemas de leitura com a desejada segurança. O exame atento das modificações – no total 749 ocorrências, como já se disse – introduzidas no texto do manuscrito deixa-nos uma dúvida: quem terá sido o maior responsável por elas – o próprio Camilo? alguma pessoa a cujos pareceres sobre questões de língua e estilo se curvou? ou mesmo o revisor tipográfico com o consentimento do autor? A suposição de que Camilo nessas questões teve pelo menos um colaborador fundamenta-se notadamente no exame das variantes de pontuação. No cotejo dos textos do manuscrito e da primeira edição se evidencia terem sido sacrificadas nas alterações – em vários casos não se sabe por quê, em outros certamente por puro preconceito gramatical – formas variantes do uso lingüístico, seja das mais admitidas no uso culto (como por exemplo *esconderijo* substituída por *escondrijo*), seja das de uso comum ou especial, reveladoras na redação original camiliana do impulso de atestar a conservação de palavras antigas ou de empregar formas populares ou regionais às vezes tão mais cabíveis na fala de determinados personagens, a exemplo do que acontece em outras obras do escritor. Foram assim alteradas, do manuscrito para os textos impressos seguintes, com a descaracterização de traços do uso popular ou regional antes preservados, formas como *abóbada* (substituída por *abóbada*), *alvoraçada* (*alvoroçada*), *aspeito* (*aspecto*), *baranda* (*varanda*), *barbata* (*bravata*), *barredor* (*varredor*), *barrer* (*varrer*), *bêbeda* (*bêbada*), *bogar* (*vogar*), *câmera* (*câmara*), *cronha* (*coronha*), *dezasseis* (*dezesseis*), *frenesim* (*frenesi*), *gesta* (*giesta*), *gestal* (*giestal*), *groxeta* (*groseta*, e a partir da quinta edição *gorjeta*), *infantaria* (*infanteria*), *laxe* (*laje*), *outo* (*oito*), *percatar* (*precatar*), *Plágio* (*Pelágio*), *promenor* (*pormenor*), *rastilhada* (*rostilhada*), *reberberar* (*reverberar*), *relé* (*ralé*), *resmonear* (*resmungar*), *sertã* (*sartã*), *tatear* (*tactear*), *visavô* (*bisavô*).

É também a leitura do que está bem nítido no manuscrito que nos convence inquestionavelmente de ter Camilo usado determinadas expressões ou construções sintáticas na redação espontânea do romance, feita em circunstâncias raras, como ele próprio explicou em duas diferentes oportunidades:

Este romance foi escrito num dos cubículos-cárceres da Relação do Porto, a uma luz coada por entre ferros, e abafada pelas sombras das abóbadas. Ano da Graça de 1861.¹⁷

Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida.¹⁸

Tais expressões ou construções, algumas bastante estranhas, se encontram em destaque num parágrafo das páginas XXIX-XXX da minha edição crítica, no registro filológico que intitulei “Esta Edição”. A maioria delas acompanha toda a trajetória do texto camiliano, do manuscrito à última edição revista pelo autor, a quinta, de 1879, como se viu.

Uma ocorrência, porém, merece comentário à parte, como mais uma prova da relevância da utilização dos manuscritos autógrafos para desfazer por completo sérias dúvidas que podem perturbar o trabalho filológico: é o emprego do verbo *haver* em sentido existencial com flexão de plural, construção de boa frequência até o século XIX, mas hoje não admitida no uso culto da língua. Com efeito, lê-se com facilidade no manuscrito:

As estradas, naquele tempo, deviam ser boas para isso; mas não tenho a certeza de que houvessem estradas para o Japão.¹⁹

A primeira edição – de 1862 – a despeito de ter tão numerosas modificações do manuscrito, como já afirmei – conserva essa forma *houvessem*; porém, da segunda edição (de 1864) à quinta o que se lê na mesma passagem é *houvesse*, no singular. Com este exemplo, cai por terra a alegação de Camilo, na célebre polêmica com o escritor brasileiro Carlos de Laet, de que o “Houveram coisas terríveis” encontrado num dos seus textos só podia ser atribuído à colaboração não autorizada de algum tipógrafo ou revisor na intenção de corrigir o que Camilo mesmo não titubeou em classificar como solecismo (“Este solecismo é realmente feio, é quase bestial”), esquecido de que várias outras vezes se valera de tal emprego de *haver* no plural (nas *Memórias do Cárcere*, em *Anátema*, *Estrelas Funestas*, *Anos de Prosa*, *Lágrimas Abençoadas*, *Romance dum Homem Rico* – como já se lê no manuscrito, *Amor de Salvação*, etc. etc.).

¹⁷ Nota ao § 3 do Capítulo XIII da 2ª Parte do romance a partir da 2ª edição.

¹⁸ Cf. *Memórias do Cárcere*, vol. 2, Porto, Viúva Moré Editora, 1862, p. 101.

¹⁹ Cf. p. 266-267 da edição crítica de 1983.

Desculpem-me os leitores pelo estirado destas notas com que de novo venho insistir na necessidade urgente de boas edições críticas ou edições cuidadas da obra camiliana. São elas que podem com mais comodidade oferecer aos estudiosos todos os elementos para o acompanhamento da evolução da forma literária, e o registro dos múltiplos aspectos da linguagem do autor, inclusive das suas hesitações e contradições, como é da natureza humana. Levantamentos globais mais seguros evitarão inclusive afirmações apressadas sobre a língua e o estilo do escritor: há pouco, por exemplo, se afirmou no Brasil, onde a ameaça da epidemia da cólera tornou esta palavra de largo uso, e apresentada ora no gênero feminino, ora no masculino, que Camilo, de acordo com o bom uso, só a empregara no feminino, como se vê no *Romance dum Homem Rico*: acontece, porém, que a lição de outros textos do romancista desmente a afirmativa (cf. *Horas de Paz, Coisas Espantosas, Narcóticos, Canção Alegre, Noites de Insônia*, entre outros, citados por João Curioso, *Camilo e as Caturrices dos Puristas*, tomo primeiro, Rio de Janeiro, Tip. Ideal, 1924, p. 19).

As edições críticas e comentadas deixarão de Camilo uma imagem mais exata e nítida, de escritor múltiplo e com freqüência hesitante e contraditório nas posições assumidas. Na preparação das mesmas, exige-se dos filólogos a atitude de extrema cautela na solução dos problemas de fixação dos textos, para que fiquem sempre preservadas as características de cada obra, muitas vezes em contraste com as lições de outros textos do mesmo autor – o que é a prova provada de que o escritor, como aconteceu a tantos mais, oscilou em face das tendências literárias do tempo e em face da existência de formas lexicais e de construções sintáticas variantes, atestados de uma língua viva em permanente processo de mutação e enriquecimento.

Como fecho destas considerações, não quero deixar de transcrever as oportunas observações de Jacinto do Prado Coelho na comunicação já referida sobre “Filologia e literatura: o estudos das variantes”, que apresentou ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa²⁰:

No desdobramento do texto em variantes surpreendemos não só as virtualidades da linguagem como a literatura no seu *fieri*, naquela “prolongada hesitação entre o sentido e o som” que, para Valéry, caracterizava a poesia, naquela busca de que nasce a pluralidade semântica. Quem analisa variantes depara com toda a complexa aventura da *praxis* literária, onde convergem tantos fatores e condicio-

²⁰ V. nota 10. O Congresso, sob a minha direção, foi realizado no auditório da Reitoria da Universidade Federal Fluminense, estando presentes mais de 500 participantes. Mais tarde, com o título de “Variantes e Variações” e o texto revisto e alterado, Prado Coelho incluiu o seu estudo no livro *Ao Contrário de Penélope* (Lisboa, Livraria Bertrand, 1976).

nalismos (o “referente”, a visão pessoal, a gramática, o léxico, o tema, a “fábula”, o gênero, a estrutura fixa, que sei eu?²¹).

A exemplificação de Prado Coelho é tirada de textos de diferentes épocas, desde Bernardim Ribeiro até autores do século XIX como Garrett, Herculano, Camilo, Eça de Queirós, João de Deus, e do século XX como Raul Brandão, Fernando Pessoa e seus heterônimos, Carlos de Oliveira, Aquilino Ribeiro; e das edições por ele citadas aparecem em relevo as duas edições críticas de Camilo com que pôde contar naquele momento: a das *Novelas do Minho* de Maria Helena Mira Mateus e a do *Romance dum Homem Rico* de Abílio Tavares Cardoso.

3 – CONCLUSÃO

Ao concluir este artigo, peço aos leitores que me relevem as omissões de nomes e de obras que nele tenham notado, para as quais apresento a desculpa de ter perdido há alguns anos, por motivos alheios à minha vontade, o contato com as minhas preciosas fontes de informação direta em Portugal.

De minha parte, ao mesmo tempo em que me disponho a continuar acompanhando o trabalho de revalorização do grande autor, feito sobretudo em instituições como a Universidade de Coimbra e a Casa de Camilo, em São Miguel de Ceide (Famalicão), pretendo concluir o estudo comparativo das atuais edições portuguesas e brasileiras do *Amor de Perdição* para comprovar e denunciar que, com raras exceções, estão cheias de grosseiras infidelidades textuais, num absoluto desrespeito à memória do autor, o que pede a providência de medidas legais em defesa do patrimônio literário exposto à ação deletéria de maus editores e de revisores e tipógrafos descuidados ou inescrupulosos. Tudo isto afirmo com o só propósito de demonstrar como ainda persiste em mim a obsessão e paixão camiliana que recebi como herança de meu pai.

²¹ Cf. *Ao Contrário de Penélope*, capítulo inicial com o título “Variantes e Variações”.